

O DESENVOLVIMENTO DO POTENCIAL CRIATIVO: QUANDO A CRIANÇA NOS INCLUI

Data de submissão: 26/11/2024

Data de aceite: 02/01/2025

Mariane Pereira Lombardi

Pós-graduanda de Psicopedagogia
PUCRS e monitora na Escola Nossa
Senhora do Brasil

Karla Fernanda Wunder da Silva

Pós doutoranda em Educação PUCRS

tem em si, a essência, que quando toca outra essência se torna santuário da relação e dando-nos a oportunidade de transcender nosso ser, superando limitações, fazendo emergir criatividade, libertando e educando o coração para o novo.

PALAVRAS-CHAVE: Potencial criativo; criatividade; inclusão.

RESUMO: Neste trabalho nos dispomos a refletir sobre o desenvolvimento do potencial criativo: quando a criança nos inclui, pois entendemos que a escola tem papel fundamental na humanização das relações no processo criativo de cada sujeito. Os objetivos permeiam o desenvolver do potencial, o entender o potencial criativo e quem é incluído neste processo, confrontando nossos conceitos, mudando nossa ótica de inclusão em nossas práticas diárias. Sem repetir modelos limitantes, oportunizando crescimento e expansão da criatividade, permitindo que o outro seja, conheça, experimente, erre, acerte, evolua. Os teóricos que permearam esta reflexão foram Jorvis, Cury, Fernández, Moser, Amabile, Nakano e Perissé. As informações para a construção deste trabalho partiram da pesquisa-ação, propiciando trazer à consciência o mais sagrado que os discentes

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento de pessoas tem se tornado essencial no mundo de hoje, neste contexto de sociedade onde todos são um e o um faz parte de todos. O reconhecimento da individualidade do sujeito é essencial para o crescimento saudável, criativo e funcional para qualquer pessoa. O papel da escola é fundamental na humanização das relações, pois dá oportunidade à transcendência, à evolução, ao reconhecimento do diferente.

Aqui, queremos refletir sobre o desenvolvimento da criatividade: quando a criança nos inclui, nos questionando sobre como desenvolver o potencial criativo no processo inclusivo, e tendo como objetivos:

o que é e como desenvolver o potencial, entender o potencial criativo e quem é incluído neste processo. Assim, poderemos confrontar nossos conceitos, mudando nossa ótica de inclusão em nossas práticas diárias.

É importante perguntarmo-nos quando vemos uma criança: o que enxergamos? O que queremos ver, a deficiência ou a potência do outro? As dificuldades ou possibilidades? Perguntas essas que nos auxiliam a entendermos de que forma se dará o autêntico processo criativo. Aquele que se dá na relação estabelecida, nem só pelo adulto, tão pouco pela criança, mas entre os seres, provocando abertura para novas construções, novos saberes, um novo de si mesmo.

OBJETIVOS E MÉTODO DE PESQUISA

Este trabalho tem como objetivos refletir sobre o desenvolver do potencial, o entender o potencial criativo e compreender quem é incluído neste processo, confrontando nossos conceitos, mudando nossa ótica de inclusão em nossas práticas diárias. Para tanto utilizamos da pesquisa-ação, que pode ser considerada uma estratégia para o desenvolvimento de novos conhecimentos a partir da ação dos professores e/ou pesquisadores buscando qualificar a aprendizagem dos estudantes. Ou seja, podemos dizer que a pesquisa-ação é um ciclo “no qual se aprimora a prática pela oscilação sistemática entre agir no campo da prática e investigar a respeito dela. Planeja-se, implementa-se, descreve-se e avalia-se uma mudança para a melhora de sua prática, aprendendo mais, no correr do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação”(Tripp, 2005, p. 444).

Cabe dizer ainda que a pesquisa-ação envolve um rigor científico a partir de três ações principais, que são: observar, com o objetivo de reunir informações e construir um cenário; pensar, para explorar, analisar e interpretar os fatos percebidos da realidade vivenciada; e agir, implementando e avaliando as ações, buscando qualificar tudo o que foi observado (Stringer, 1996).

DESENVOLVENDO O POTENCIAL DO SUJEITO

Antes de tudo, é preciso conceituar potencial, recordando que se refere ao qualitativo de uma pessoa e não ao quantitativo. No site Conceito.de, sugere-se que potencial pode “[...] referir-se àquilo que pertence ou que diz respeito à potência, que pode existir, que é possível embora ainda não tenha sido concretizado, que esteja em estado inacabado, ou que tem a virtude de outras coisas.” Isso nos mostra que não é algo pronto ou que precisa ser treinado, como talento. Mas, com a aprendizagem vai se concretizando a constituição do indivíduo.

Assim como nos aponta Jarvis (2013, p.35), após mudanças em sua teoria:

A aprendizagem humana é a combinação de processos ao longo da vida, pelos quais a pessoa inteira – corpo (genético, físico e biológico) e mente (conhecimento, habilidades, atitudes, valores, emoções, crenças e sentidos) – experiencia as situações sociais, cujo percebido é transformado no sentido cognitivo, emotivo ou prático (ou por qualquer combinação) e integrado à biografia individual da pessoa, resultando em uma pessoa continuamente em mudança (ou mais experienciada).

É de suma importância cuidar deste processo de construção do indivíduo. Cury (2010, p. 24) salienta que,

Um Eu mal-formado terá grandes chances de ser imaturo, ainda que seja um gigante na ciência; sem brilho, ainda que seja socialmente aplaudido; viver de migalhas de prazer, ainda que tenha dinheiro para comprar o que bem desejar; engessado, ainda que tenha grande potencial criativo.

Eis o papel da escola na figura dos professores e sua responsabilidade na formação do sujeito. Cury (2008, p. 101) aponta que “somente eles podem estimular a criatividade, a superação de conflitos, o encanto pela existência, a educação pela paz, para o consumo, para o exercício dos direitos humanos”. Isso é educar para a vida e humanizar processos. Pois do contrário, “temas transversais [...] serão uma utopia, estarão na lei, mas não no coração”. A educação que não é integradora, que não humaniza “separa o pensador do conhecimento, o professor da matéria, o aluno da escola, enfim, separa o sujeito do objeto”, gerando pessoas que apresentam dificuldades em lidar com conflitos e desafios, que optam pela mesmice e não fazem a diferença.

Neste caminho, faz-se importante observar o que poderia positivar este desenvolvimento. O primeiro elemento é a ambiência, ou seja, tudo o que circula em torno da pessoa, seja família, escola, sociedade, seja espaços físicos que frequenta ou encontros que promovem socialização, que é outro elemento, de outra ordem constitutiva. Estar em relação, em contato com outros corpos, dispor-se a crescer junto, aprender com o outro se colocando no processo de reconhecimento de si e dos demais. Por fim, outro elemento para desenvolver o potencial de alguém é a necessidade de um outro que acredite no sujeito e dessa maneira facilitar o movimento de ser acreditado.

Como nos diz Fernández (2012, p.88),

A capacidade de acreditar em... possibilita que o sujeito realize movimentos criativos pensantes que, por sua vez, permitem questionar suas crenças. Por isso, previne-se da credulidade. O crédulo deixa-se seduzir pelo outro. O crédulo não consegue confiar. Com-fiar é uma proposta ativa que se realiza entre dois.

Fator este essencial para um bom desenvolvimento. Enquanto seres humanos nos constituímos no/pelo olhar do outro e esse movimento de produção de sentidos subjetivos nos faz ser pertencentes, validado como ser potente.

POTENCIAL CRIATIVO DO SUJEITO

Entendemos que a ambiência, a socialização e o acreditar no outro são elementos essenciais para favorecer o desenvolvimento do sujeito, criando um espaço interior que possibilita a produção e subjetivação da criatividade. E aqui, vemos a “permissão afetiva oriunda do outro” como atitude que pode desbloquear ou bloquear totalmente o processo criativo do sujeito, sendo que este se dá na liberdade, que supera o medo, que abre espaço para novas experiências, que busca qualificar as vivências com produção de novas zonas de sentidos subjetivos.

Potencial criativo é a expressão mais pura que cada sujeito pode demonstrar de si mesmo. Sem pudor, limites, cálculos, moderações, padrões. É ser, livremente, encontrando alternativas nunca pensadas para colocar-se em movimento, mesmo quando o pensamento é de esgotadas tentativas. Esse movimento dá espaço para questionamentos assertivos que fazem evoluir e transcender cada aprendizagem, onde o que há de mais original em cada um de nós toca a essência do outro, potencializando o ser.

Moser (2015) ao conceituar criatividade nos diz que:

[...] a palavra criatividade vem do verbo creare em Latim, que quer dizer gerar ou produzir. O processo criativo gera algo de novo, e este resulta das experiências vividas pelo indivíduo e pelas situações em que se encontra envolvido. Quando estimulada no processo de aprendizagem, a criatividade, pode promover um desenvolvimento pleno, formado por uma consciência crítica de si, do outro e do meio.

Assim, Amabile (1983, 1989, 1996), citada por Alencar e Fleith (2003, p. 5), apresenta algumas alternativas de estimulação da criatividade:

(a) encorajar autonomia do indivíduo, evitando controle excessivo e respeitando a individualidade de cada um; (b) cultivar a autonomia e independência enfatizando valores ao invés de regras; (c) ressaltar as realizações ao invés de notas ou prêmios; (d) enfatizar o prazer no ato de aprender; (d) evitar situações de competição; (e) expor os indivíduos a experiências que possam estimular sua criatividade; (f) encorajar comportamentos de questionamento e curiosidade; (g) usar feedback informativo; (h) dar aos indivíduos opções de escolha; e (i) apresentar pessoas criativas como modelos.

Vemos então, assim como Nakano (2009, p. 46) que “a escola tem papel fundamental no desenvolvimento das crianças e jovens, uma vez que é neste meio que o aluno poderá explorar, elaborar e testar hipóteses e fazer uso de seu pensamento criativo” com auxílio do adulto educador que, se preparado, possibilitará condições adequadas para esta experiência.

SUJEITO NO PROCESSO INCLUSIVO

Quando pensamos em processo de inclusão podemos nos perguntar: quem mesmo deve ser incluído neste processo? A criança ou o adulto? A pessoa com ou sem deficiência?

Obviamente o processo inclusivo demanda muitos elementos que não vamos discutir aqui, mas podemos citar a acessibilidade, que é pauta em muitas reuniões, exigência legal em muitos espaços físicos, mas quando se fala em acessibilidade humana, aquela que sugere a mudança pessoal, a transformação do próprio ser para acolher parece que nos defrontamos com um abismo.

Destacamos alguns pontos do Estatuto da Pessoa com Deficiência (2016, p. 32), em seu artigo 28, no capítulo destinado ao direito à educação, onde recorda que é dever do poder público:

[...] assegurar, criar, desenvolver, implementar, incentivar, acompanhar e avaliar: I - sistema educacional inclusivo em todos os níveis e modalidades, bem como o aprendizado ao longo de toda a vida; II - aprimoramento dos sistemas educacionais, visando a garantir condições de acesso, permanência, participação e aprendizagem, por meio da oferta de serviços e de recursos de acessibilidade que eliminem as barreiras e promovam a inclusão plena; III - projeto pedagógico que institucionalize o atendimento educacional especializado, assim como os demais serviços e adaptações razoáveis, para atender às características dos estudantes com deficiência e garantir seu pleno acesso ao currículo em condições de igualdade, promovendo a conquista e o exercício de sua autonomia; IX - adoção de medidas de apoio que favoreçam o desenvolvimento dos aspectos linguísticos, culturais, vocacionais e profissionais, levando-se em conta o talento, a criatividade, as habilidades e os interesses do estudante com deficiência; XVI - acessibilidade para todos os estudantes, trabalhadores da educação e demais integrantes da comunidade escolar às edificações, aos ambientes e às atividades concernentes a todas as modalidades, etapas e níveis de ensino;

Não é só a escola que deve estar preparada como espaço físico, mas as pessoas. Infelizmente ainda se vê o processo inverso acontecendo, arruma-se a casa para receber, mas não se organiza o coração para acolher. Pouco adianta ter estrutura se o fazer ainda limita, oprime e exclui sutilmente, responsabilizando a criança pelo fracasso escolar. E como nos diz Perissé (2017, p. 75) “mesmo limitados por mil e uma circunstâncias do real concreto, continuamos desejando superar o tempo e o espaço, alcançar metas de alfabetização, metas de inclusão, metas de libertação mediante a arte de educar”.

O que há de mais curioso neste processo é que quem permite que a inclusão aconteça, quando ela acontece de fato, é a própria criança. É ela quem marca o espaço, o tempo e a forma do seu aprender, permitindo-nos participar de seu processo. Incluí-nos, passamos a pertencer ao processo dela, não estabelecendo dependência, mas como parte fundamental do seu caminho.

RESULTADOS

Na aprendizagem, segundo Fernández (2001, p. 22) “quando o sujeito renuncia à sua história ou é impedido de ser autor dela, a primeira consequência desse impedimento manifesta-se no enrijecimento [...]”. É onde a criatividade corre o risco de ser moldada de

forma negativa. E continua: “ele não apenas deixa de transformar o mundo, mas abandona a tarefa humana de transformar a si mesmo”. Num ato de encaixar-se acaba por moldar-se ao que os outros esperam que o sujeito seja.

O que move nosso ser? O que nos prende a conceitos preconcebidos? Ser sujeito da própria história implica em se autoconhecer, movimento este que começa na infância e se estende por toda a vida. Obviamente, isto não se faz sozinho, pois nos fazemos pelo olhar do outro, que nos liberta ou nos aprisiona. Como nos diz Perissé (2017, p. 76) “a liberdade criativa se torna patente no relacionamento respeitoso com quem nos rodeia e com o que nos rodeia”. Não repetir modelos limitantes é oportunidade de crescimento e expansão da criatividade, permitindo que o outro seja, conheça, experimente, erre, acerte, evolua, quase que num movimento de trazer à consciência o mais sagrado que se tem em si, a essência, que quando toca outra essência se torna santuário da relação.

Olhar para uma criança e vê-la além do diagnóstico é dar espaço para que ela seja. E as oportunidades são muitas atuando em uma turma de 3º ano do ensino fundamental de uma escola da rede privada de Porto Alegre. Um lugar que não é mágico, mas é possível, pois é construído dia após dia. Também não é só uma ação que se sustenta apenas no espaço físico, pois acontece no entre da relação criança e adulto, marcado pelo acreditar, permitir, pertencer e potencializar, gerando novas zonas de sentido que favorecem a emergência dos processos criativos.

Quando uma criança chega à escola carregada pelos pais, que a entregam com múltiplas recomendações de não poder, cabe-nos um desafio gigantesco de desconstruir a proibição e construir a possibilidade. Como é o caso da menina E. que chegou totalmente dependente, escondida em seu diagnóstico que a impedia de caminhar, carregar a mochila, fazer sua higiene e tantas outras coisas sozinha. Cheia de medos e cedendo às suas dificuldades, desistia com facilidade de qualquer atividade que não lhe fosse conhecida. Seu contato com a escola foi de empoderamento, através de estímulos, incentivo e muitos diálogos, o que aumentou significativamente sua segurança, curiosidade e criatividade.

A partir da superação de limitações motoras como subir e descer escadas e brinquedos elevados, girar no gira-gira, caminhar pelo pátio, brincar no pula-pula e na piscina de bolinhas, ela foi capaz de aumentar seu autocontrole de tônus, equilíbrio e foi desejando repetir as ações cada vez de forma diferente, porque descobriu que conseguia. Seu conseguir se reflete na convivência, nas atividades cognitivas em sala de aula e em sua autorregulação; hoje já consegue refletir sobre suas atitudes e até em momentos de crises expressa seu sentimento de forma verbal. Na organização a estudante está abrindo espaço para a criatividade, para fazer coisas que ainda não fez ou fazer o que sabe de forma nova, desenvolvendo e aprimorando suas habilidades a cada dia.

Assim, também se nota o menino M. perdido nas exigências familiares de ter que acompanhar os livros como os colegas, entrando em pânico por não conseguir escrever com autonomia, colocando-se em sofrimento e desorganização a ponto de ficar agressivo.

Após as propostas e ações pelo adulto, percebeu-se que a intervenção que ofereceu melhor mediação feita foi a que partia dos próprios pares, ou seja, dos colegas, explicando-lhe como fazer as atividades, permitindo que ele pertença à sua maneira, sem a necessidade de ser igual. De maneira criativa e natural as relações entre os pares, através da modulação, dos exemplos foi criando uma nova forma de relacionamento tanto com os colegas, quanto com seu aprender. Essa mudança, da maneira de aprender foi percebida em seus desenhos ou construções em massinha de modelar, que se tornaram ricos em detalhes, à medida que a sua organização interna se expressa de maneira mais consciente, buscando um equilíbrio, às vezes com mais ou menos coesão, mas sempre muito criativo.

O menino P. provoca criatividade com sua criatividade. Sempre chega com algo construído em dobradura, colagem e recorte. Das histórias mais aleatórias possíveis ele impele-nos ao mundo da imaginação, porém dá-nos lições de muita realidade. Num outro dia chegou com uma construção grande parecido com o formato de uma cruz, questionado sobre o que seria aquela construção ele respondeu: “É a chave do milênio”. E durante o diálogo foi solicitado para que relatasse sua funcionalidade, dentre sua explicação disse: “[...] é para abrir a mente das pessoas”. Com certeza, naquele momento abriu muitas mentes, e continua abrindo, pois ele não se diminui para caber no entendimento limitado de quem o quer sentado escrevendo, mantendo um padrão de aprendizagem.

A cinestesia está muito presente no processo de aprendizagem das crianças. Seja nos momentos lúdicos, montando e desmontando objetos, manuseando brinquedos ou os próprios materiais, seja fazendo dobraduras ou utilizando o próprio corpo nas experiências do aprender. Como é o caso de alguns meninos e algumas meninas que depois de um abraço, um toque nas mãos ou no rosto, ou até um abraço forte pulando no colo, concentra-se em sua produção, como se tivessem buscado recursos subjetivos em forma de afago, potencializando suas possibilidades de ser e aprender.

As práticas, quando respeitam a constituição de cada sujeito, impulsionam a criatividade. Como nos diz Fernández (2001) precisamos conhecer como cada um aprende, pois deste modo a interpretação do mundo e de nós mesmos é enriquecida e nos tornamos mais livres e criativos. Tomamos consciência de nós mesmos e crescemos.

CONCLUSÕES

Conclui-se então, que neste processo de criatividade, deve existir a reciprocidade do autoconhecimento, conhecer e deixar-se conhecer, criando entre o adulto e a criança espaço de possibilidades, para acreditar, para confiar, para construir. E neste processo, muitas vezes, é inevitável desconstruir-se para ressignificar-se, evoluir, transcender-se no encontro com o outro, tornando consciente, livre e criativo o pensar, a expressão do próprio eu.

O movimento mais desafiador, mas também mais belo é o de incluir, pois ele nos faz recriar conceitos, transformar expectativas em perspectivas e alcançar possibilidades,

desenvolvendo potencial numa dialética de dar e receber. Quem dá, dá daquilo que recebeu e quem recebe, abre espaço de preparação para um novo dar. Sem apoderar-se do momento, do saber, do conhecer, fazendo emergir o aprender, tirando do isolamento não somente o sujeito, mas a subjetividade, tornando visível o que é direito de todos, ser.

Fica-nos o grande desafio, educar o coração para a acolhida, alargando o espaço interior para emergir criatividade, liberta dos aprisionamentos diários de tantos componentes limitantes, que se forem listados ofuscariam nossa busca. Coração livre e comprometido que reconhece sua própria vulnerabilidade e dela tira forças para encorajar o outro, humanizando processos de aprendizagem capazes de, com criatividade, ganhar o mundo. Transcendemo-nos! Sejamos, enfim, criativos!

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Eunice M. L. Soriano de; FLEITH, Denise de Souza. Contribuições Teóricas Recentes ao Estudo da Criatividade. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, [s. l.], v. 19, ed. 1, p. 1-8, Jan-Abr, 2003.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF: Presidência da República, 2016.

CURY, Augusto. **Inteligência socioemocional**: A formação de mentes brilhantes. Escola da Inteligência, Editora escola da inteligência, 2010.

CURY, Augusto. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2008. Equipe editorial de Conceito.de. (21 de Junho de 2012). Atualizado em 23 de Outubro de 2019. *Potencial - O que é, conceito e definição*. Conceito.de. Disponível em: <<https://conceito.de/potencial>> Acesso em: 28 de agosto de 2023.

FERNÁNDEZ, Alicia. **Idiomas do Aprendente**: análise das modalidades ensinantes com famílias, escolas e meios de comunicação. Trad. Neusa Kern Hickel. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

FERNÁNDEZ, Alicia. **A atenção aprisionada**: Psicopedagogia da capacidade atencional. Trad. Neusa Kern Hickel. Porto Alegre: Penso, 2012.

JARVIS, Peter. Aprendendo a ser uma pessoa na sociedade: Aprendendo a ser eu. In: ILLERIS, Knud Illeris (org.). **Teorias Contemporâneas da Aprendizagem**. Porto Alegre: Penso, 2013. cap. 2, p. 31-45.

MOSER, Vera. **A CRIATIVIDADE**: A Necessidade da Promoção da Atividade Criadora no Pré- Escolar. Provas destinadas à obtenção do grau de Mestre para a Qualificação para a Docência em Educação Pré-Escolar (Grau de Mestre) - Instituto Superior de Educação e Ciências, [S. l.], Julho de 2015.

NAKANO, Tatiana de Cássia. INVESTIGANDO a criatividade junto a professores: pesquisas brasileiras. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)**, [s. l.], v. 13, ed. 1, p. 45-53, 2009.

PERISSÉ, Gabriel. **Pedagogia do encontro**. 2. ed. São Paulo: Eureka, 2017. STRINGER, E. T. **Action Research**: a Handbook for Practitioners. Sage, 1996

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, v. 31, n. 3, p. 443– 466, set. 2005.